DOI 10.20504/opus2016b2203

O *reggae* na terra do forró: diálogos, interpenetrações e conflitos

Iztok Mervič (UFPB)
Adriana Fernandes (UFPB)

Resumo: O presente artigo apresenta o cenário atual do *reggae* na Paraíba, Nordeste do Brasil. Ao longo da pesquisa, a Paraíba foi várias vezes caracterizada como "terra do forró", em relação à popularidade e predomínio do gênero musical mais tocado e apreciado da região pesquisada, que é o forró. Em comparação com os outros estados vizinhos do Nordeste do Brasil, o *reggae* na Paraíba não tem o mesmo nível de popularidade, embora em alguns poucos locais na região existam bandas se apresentando frequentemente. No artigo são apontadas as causas encontradas em pesquisa etnográfica para os desafios enfrentados pelo *reggae* na Paraíba e uma pequena reflexão sobre a dinâmica das relações destes problemas.

Palavras-chave: *Reggae*. Paraíba. Forró.

Reggae in the Land of Forró: Dialogues, Interpenetrations and Conflicts

Abstract: This article presents the current *reggae* scene in Paraíba in northeastern Brazil. Throughout the study, Paraíba was characterized many times as "the land of forró" in respect to the popularity and dominance of this musical genre played and appreciated in the region of our study. Compared to other neighboring states in Northeast Brazil, reggae in Paraíba does not enjoy the same level of popularity, although reggae bands do exist and frequently perform in a few locations in the region. This article addresses the causes of the challenges faced by *reggae* in Paraiba that were identified in the ethnographic study and includes a small reflection on the dynamics of these issues.

Keywords: Reggae. Paraíba. Forró.

MERVIČ, Iztok; FERNANDES, Adriana. O *reggae* na terra do forró: diálogos, interpenetrações e conflitos. *Opus*, v. 22, n. 2, p. 65-82, dez. 2016.

Submetido em 10/05/2016, aprovado em 29/07/2016.

Apesar de o *reggae* ter surgido na Jamaica, ganhou popularidade entre o público mundial, como na América do Sul, América do Norte, Europa, África, e até no Japão e na Oceania, entre outros. Além disso, o *reggae*, ou estilos musicais influenciados pelo *reggae*, é tocado em comunidades locais específicas ao redor do mundo, como por exemplo pelos índios Hopi e Havasupai no Arizona (EUA), pelos quilombolas na Colômbia, por jovens urbanos na Nigéria e África do Sul, *skinheads* da classe trabalhadora na Grã-Bretanha, Maori da Nova Zelândia e aborígenes australianos (MANUEL, 1995). Segundo este mesmo autor, há diferentes razões que levaram as diversas sociedades ao redor do mundo a aceitarem e adotarem o *reggae*: a sua mensagem de libertação universal, promoção dos valores espirituais, divulgação da igualdade entre classes sociais e da identidade pan-africana. O Brasil não é uma exceção. Aqui vários compositores e bandas se deixaram influenciar pelo *reggae* desde o fim de década de 1970, principalmente depois da gravação da música *Não chore mais*, de Gilberto Gil (a versão do sucesso de Bob Marley *No Woman, No Cry*) em 1979, que significou o começo de expansão e popularização do *reggae* no Brasil. Atualmente, o *reggae* é tocado em todo país, com identificações diferenciadas. Há várias formas de adaptação ao *reggae* que foram se espalhando de forma fragmentada e regionalizada (ALBUQUERQUE, 1997: 147-155).

Na região do Nordeste brasileiro é possível destacar dois lugares onde o *reggae* significativamente influenciou e reformulou a cultura regional. O primeiro é o estado do Maranhão, conhecido como "Jamaica brasileira", que apresenta um destaque no cenário brasileiro por ter o *reggae* presente há quase 40 anos, como um fenômeno sociocultural diversificado (FERNANDES, 2007: 475. FREIRE, 2010: 160-162). A tradição da "radiola" (sistema de som, uma tradução local do *sound system* jamaicano) e da dança em par do *reggae,* observados principalmente na capital São Luis, são um destaque no cenário de *reggae* brasileiro (SILVA, 1992: 87-95). O segundo local é o estado da Bahia, onde o *reggae* jamaicano também influenciou a transformação de tradições musicais. As estruturas rítmicas do *reggae* se combinaram com estruturas rítmicas locais e caribenhas e criaram um novo padrão rítmico na música brasileira, contribuindo, assim, para a formação de um novo estilo musical baiano. Segundo Béhague (2006: 84), os novos padrões de bateria que combinaram a batida básica do samba com estruturas rítmicas de merengue, salsa e *reggae* foram chamados de *samba-reggae.*

Além dos dois exemplos destacados, o cenário, ou seja, a cultura do *reggae* em geral, está significativamente presente nas capitais do Nordeste brasileiro como Recife, Maceió, Natal e Fortaleza. É um gênero musical bastante praticado e difundido na cultura popular destas cidades. Considerando que estas cidades são vizinhas ao estado da Paraíba se espera que também neste estado o *reggae* tenha um espaço similar no cenário musical.

Baseado nesta ideia, o objetivo do presente artigo é apresentar o cenário do *reggae* na Paraíba, Nordeste do Brasil, através de um estudo etnográfico.

É importante salientar que este artigo está, de alguma forma, generalizando as conclusões sobre as manifestações da cultura do *reggae* na Paraíba, pois o estudo foi realizado em apenas três cidades. No entanto, vale ressaltar que a região apresenta um significativo cenário cultural paraibano. O estudo foi desenvolvido na capital João Pessoa (JP), na cidade de Campina Grande, segunda maior cidade paraibana, e na cidade de Cabedelo, vizinha à capital (Fig. 1), durante a segunda metade de 2013 e todo o ano de 2014.



Fig. 1: Brasil, destaque para Paraíba e a região da pesquisa (municípios de João Pessoa, Cabedelo e Campina Grande). Fonte: elaborado por Fernando Vieira Rocha.

Ao coletar os dados básicos para o trabalho, foram enfrentadas dificuldades para encontrar registros e ou trabalhos científicos sobre *reggae* na região em foco. Praticamente não existe nenhuma fonte de informação sobre o assunto, além dos dados básicos sobre algumas bandas e divulgação de show postados na Internet, em particular na rede social Facebook. Também existem poucos sites oficiais das bandas paraibanas de *reggae*, sendo que a maioria divulga seus trabalhos através do Facebook e nas plataformas, como Palco MP3 e Soundcloud. No início da pesquisa contatos foram estabelecidos com algumas bandas locais de João Pessoa cujos shows foram frequentados, o que nos permitiu estabelecer uma rede de conhecimento que incluía os principais representantes envolvidos com *reggae* na região pesquisada. Entre maio e setembro de 2014 sete entrevistas

semiestruturadas foram realizadas, sendo cinco com as seguintes bandas ou seus representantes: banda Pedecoco; Denys da banda Geração Rasta; Febuk; banda Candeeiro Natural; e banda DigZin. Uma entrevista foi realizada com o locutor do programa Transa Reggae e promotor de eventos e shows Dado Belo e outra com Tiago e Zazuka, os representantes do Movimento de Reggae João Pessoa. Além disso, várias conversas informais com membros das outras bandas (como André e Allyson da banda Dona Terezza, Bruno da banda Kayapira, Kabeça da banda Tribo Ras, David da banda Datura Reggae, Allyson e David da banda Emboscada e outros) foram importantes fontes de informação. Paralelo a todo o processo de contatos e entrevistas, foi feito um levantamento e coleta de músicas (CDs, mp3s, vídeos, etc.), das letras e outros materiais de divulgação relacionados às bandas e eventos regueiros na região pesquisada. Em relação às mídias de divulgação de *reggae*, foi feito o acompanhamento presencial do programa de rádio Transa Reggae (visitas ao estúdio da Rádio Tabajara) e acompanhamento de mídias de Internet, como páginas das bandas e o Facebook.

A principal estratégia utilizada no trabalho de campo foi a chamada observação participante (MYERS, 1992), que permitiu entender melhor os fenômenos em estudo. Nesse sentido, foram acompanhadas também as atividades, ocasiões, interesses e afetos em duas bandas de *reggae* de João Pessoa, as quais um dos autores desta pesquisa teve a oportunidade de integrar durante o processo. Como contrabaixista, Iztok Mervič participou de shows das bandas Dona Terezza e Geração Rasta. Com a banda Dona Terezza (desde novembro de 2013) abriu-se a possibilidade de participar no processo de criação das músicas. Esta experiência permitiu observar em detalhes várias fases de processo de criação artística. Isso nos ajudou a entender melhor como funciona o cotidiano de uma banda no cenário de *reggae* na Paraíba - desde a forma de organização dos encontros e ensaios, a questão do processo criativo em termos de composição das músicas, comunicação entre os membros da banda, até o processo de divulgação e realização dos shows e apresentações. O envolvimento pessoal de um dos pesquisadores com os sujeitos da pesquisa poderia ter influenciado a nossa objetividade, além da presença dele poder perturbar o normal decurso da interação social. Mas, como todos os sujeitos foram informados sobre a pesquisa antes da colaboração começar e o fato de já conhecerem nossos objetivos acadêmicos, eles aceitaram o duplo papel de Mervič sem preconceitos identificados. Além de visitas aos shows, tanto de bandas locais como de bandas nacionais e internacionais de *reggae* que estiveram tocando nas cidades paraibanas, foram realizadas visitas a ensaios, eventos e programa de rádio, assim como inúmeras conversas informais com músicos e com simpatizantes do *reggae* local para fins de observação acerca dos fenômenos ocorrentes. O presente artigo é o resultado desse processo etnográfico.

Como tudo começou: o *reggae* na Paraíba

A forma de difusão de *reggae* na Paraíba não foi uma exceção em termos da difusão do *reggae* pelo mundo e pelo Brasil. Mesmo não sendo um dos gêneros populares na região, o cenário está presente. As primeiras bandas surgiram na década de 1990 com os pioneiros do *reggae* paraibano, o músico Febuk (com a banda Santo Graal) e o Rastamen (com a banda Reggae Band). Fernando Antonio Fernandes de Albuquerque - Febuk foi uma das pessoas mais importantes para o desenvolvimento do cenário de *reggae* na Paraíba. Foi um dos primeiros a trazer, divulgar e tocar *reggae* na região. Além de ser músico, também é sócio-fundador e presidente da ACRPB - Associação Cultural do Reggae do Estado da Paraíba. Segundo ele, o cenário do *reggae* em João Pessoa e em toda Paraíba desenvolveu-se mais tarde e com menos impacto em comparação às capitais e estados vizinhos do Nordeste do Brasil. Febuk acredita que a razão mais relevante é a "cultura musical" presente na Paraíba, que dá grande destaque ao forró. Ele comenta a posição inferior do *reggae* no cenário da música popular na região:

> Trabalhar com *reggae* num estado onde um outro estilo predomina, é muito difícil, é uma questão de resistir. Aqui o que se ouve nas emissoras é o forró. O Governo do Estado investe muito no forró. Todo mundo já ouviu falar em 'O maior forró do mundo', em Campina Grande. Fazer shows de *reggae* aqui com bandas locais é uma verdadeira maratona. Acredite, é um desgaste, mas alimenta a alma (ALBUQUERQUE, 2014).

Febuk afirma que na década de 1980 ainda não existiam bandas de *reggae* na região e que também foi muito difícil encontrar discos de *reggae* em João Pessoa. Na década de 1990, a situação não mudou significativamente, apenas alguns discos das maiores estrelas do *reggae* internacional, como Bob Marley ou Jimmy Cliff, estavam disponíveis nas lojas de CDs. Assim como fez Riba Macedo[1], do Maranhão, por volta de 1970, para adquirir os discos de *reggae*, Febuk também os comprava fora do seu estado: em Recife (PE), onde os camelôs vendiam nas calçadas, em Fortaleza (CE), São Luís (MA) e São Paulo (SP). Ao longo dos anos, Febuk criou uma coletânea própria, que acabou sendo de grande importância para o desenvolvimento do cenário do *reggae* na Paraíba. Nos primeiros shows de *reggae* de João Pessoa não havia CDs de *reggae* para serem tocados nos intervalos, como por

[1] Riba Macedo, dono de uma radiola em São Luis do Maranhão, é considerado uma das personagens mais significativas da popularização do *reggae* no estado de Maranhão. Na década de 1970, ele adquiriu seus primeiros discos fora do seu estado, em Belém (Pará) e os levou para tocar nas festas "regueiras".

exemplo no primeiro show de Edson Gomes[2] na quadra do Jangada Clube[3]. Portanto, foi Febuk quem levou um CD da sua coletânea para tocar antes do show começar.

Na década de 2000, o *reggae* ainda estava pouco presente no mercado dos discos. Além da oferta básica de *reggae* internacional, alguns discos de artistas brasileiros, como do cantor Edson Gomes e da banda Ponto de Equilíbrio[4], poderiam ser encontrados em poucas lojas. Portanto, uma pequena loja que Febuk abriu no centro da João Pessoa na segunda metade dos anos 2000 foi de uma importância significante para o desenvolvimento da cena do *reggae* em João Pessoa. Ele vendia discos do *reggae* de diversos subgêneros, dos vários artistas nacionais e internacionais. Febuk resolveu fechar a loja depois que seus equipamentos de som e DVD foram levados em um roubo.

Quando se dá um pouco de atenção à trajetória do *reggae*, não só na Jamaica mas também no Brasil, percebe-se que os meios de divulgação são de grande importância para a difusão das canções assim como para o desenvolvimento do seu cenário. A referência do *reggae* paraibano mais frequentemente mencionada e muito respeitada atualmente é o apresentador, jornalista, locutor e radialista, Dado Belo, chamado de "mago do *reggae*". Depois que seu programa de rádio chamado Transa Reggae saiu ao vivo pelos bairros e pelos municípios, o *reggae* passou a ser mais divulgado e mais ouvido, ganhando lugar entre os gêneros musicais populares na região. Transa Reggae está no ar desde 6 de janeiro de 1996, quando Dado Belo fez sua primeira transmissão. Na preparação de estréia do programa, um amigo dele, radialista, o denominou de "mago do *reggae*" - uma antonomásia que ficou até hoje. Vários sujeitos da pesquisa afirmaram que ele é o responsável pela popularização do *reggae* na região e que foi através dele que muitas pessoas entraram em contato com *reggae* pela primeira vez. A ideia principal do programa é tocar os sucessos do *reggae*: internacionais, nacionais e também músicas das bandas locais.

Além de ser locutor, Dado Belo também é promotor de shows de *reggae* em João Pessoa. Ele trouxe alguns dos maiores nomes do *reggae* para a capital. Em 2006, por exemplo, a banda norte-americana Groundation[5] e algumas semanas depois os jamaicanos

---

[2] Edson Gomes é um cantor e compositor baiano, considerado um dos músicos mais significados do *reggae* brasileiro.

[3] Jangada Clube é um local onde eventos e festas de vários tipos ocorrem. Está localizado na orla da praia do Cabo Branco, em João Pessoa.

[4] Ponto de Equilíbrio é uma banda carioca, considerada uma das principais referências do *reggae* no Brasil.

[5] Groundation é uma banda de *reggae* norte-americana, internacionalmente famosa, que inclui nas suas composições influências de *jazz* e *blues*. É considerada uma das maiores referências de *reggae* atual mundial.

Israel Vibration[6] tocaram no Esporte Clube Cabo Branco, em João Pessoa, pela primeira vez na Paraíba. Dado Belo organizou também os shows das maiores bandas nacionais do *reggae* como Edson Gomes e Ponto de Equilíbrio. Um papel bastante significante que Dado Belo tem para a cultura do *reggae* paraibano é que ele dá oportunidade para bandas locais e regionais apresentarem o seu trabalho, realizando entrevistas ao vivo com as bandas e permitindo que elas divulguem suas músicas. Além disso, convida bandas pequenas e desconhecidas para abrirem shows produzidos por ele. Estes shows, em geral, contam com a participação de bandas grandes e famosas, com apresentação em um palco maior e com uma melhor infra-estrutura. Para as bandas iniciantes, colaborar com Dado Belo significa um ponto de extrema importância para seu lançamento no mercado local e também nacional do *reggae*. Entretanto, existem alguns críticos entre os músicos locais do *reggae*, que reclamam destas colaborações em termos de cachês mal pagos.

Reggae paraibano em busca das suas características regionais

Em geral, os regueiros paraibanos acreditam que o *reggae* está sendo negligenciado e ficando "em segundo plano", considerando a predominância de outros gêneros e estilos musicais na região. Alguns até acreditam que no final da década de 2000 o *reggae* estava mais presente no cenário cultural do que hoje em dia. Foi nesta época que muitas bandas paraibanas surgiram e passaram a se apresentar com determinação para o público da região. Ao longo da pesquisa (2013-14), quase todo fim de semana havia um evento com alguma banda de *reggae* local. Além disso, também ocorreram shows e eventos com participação de bandas populares do *reggae* brasileiro como Ponto de Equilíbrio (Clube Cabo Branco, JP, agosto de 2013 e novembro de 2014), Edson Gomes (JampaVille, JP, novembro de 2013), Natiruts (orla de Cabo Branco, JP, dezembro de 2013), Planta e Raiz (Praia de Ponta de Campina, Cabedelo, agosto de 2014), Tribo de Jah[7] (Clube Cabo Branco, JP, janeiro de 2015) e bandas internacionais famosas como Groundation (Clube Cabo Branco, JP, outubro de 2013) e SOJA[8] (Domus Hall, JP, dezembro de 2014).

No *reggae* das bandas paraibanas várias influências musicais diferentes foram identificadas, tanto sonoras como de conteúdo das letras. Nem todas as bandas são apresentadas neste artigo, somente algumas com uma história mais destacada. É importante

[6] Israel Vibration é uma banda de *reggae* formada na Jamaica nos anos 1970. Durante a carreira manteve a sua posição como uma das bandas mais representativas do gênero em geral.
[7] Tribo de Jah é a banda mais famosa do Maranhão, formada em 1986 na Escola de Cegos (os quatro fundadores da banda são cegos).
[8] SOJA é uma banda norte-americana, bastante popular e reconhecida entre os regueiros brasileiros.

ressaltar que a grande maioria dos integrantes das bandas de *reggae* na região pesquisada são homens. Em alguns casos, mulheres apareceram nas bandas como cantoras de apoio (por exemplo, Caroline, da banda Emboscada ou a dupla Isabella e Luanda, da banda Geração Rasta). Uma exceção é a cantora e compositora chamada Naiá, que é muito influenciada pela cultura musical regional, com forró, xote e baião. Para ela, esses subgêneros musicais possuem as "batidas" (o ritmo) das suas raízes e ela acredita que possuem a mesma "batida" do *reggae*. Além disso, segundo ela, *blues* e MPB também influenciam suas composições. No seu trabalho, ela destaca temas como amor e natureza, tendo por objetivo principal "mexer com o coração do seu público e preenchê-lo com alegria" (conversa informal, mar. 2014).

A temática romântica também é identificada no trabalho da banda Dona Terezza, que surgiu no ano de 2009 e cuja ideia foi desenvolver um projeto musical diversificado – *MPB reggae*. Além das suas próprias músicas (influenciadas por bandas como Cidade Negra, Natiruts e O Rappa, além de Bob Marley e bandas como SOJA e Steel Pulse), o repertório da banda é composto por versões *reggae* de sucessos da MPB. Dona Terezza também possui uma influência regional, como por exemplo, a versão *reggae* da música *Eu só quero um xodó*, do sanfoneiro e compositor pernambucano Dominguinhos em parceria com Anastácia.

Um estilo de *reggae* diferenciado, influenciado principalmente pelo rock progressivo, é apresentado pela banda Emboscada, uma banda bem conhecida e respeitada entre os regueiros na Paraíba. Desde seu surgimento em 2001, a proposta da banda foi produzir um som "diferente" e "original", por isso denominou o seu *reggae* como *new reggae* - *reggae* novo. As músicas autorais da banda Emboscada tratam tanto de assuntos ligados à juventude, praia, surf e amor, como também destacam questões sociais, tocando em temas mais delicados, como pobreza e conflitos.

Uma das bandas mais recentes no cenário paraibano é a banda Dubbem, que na sua música mistura várias influências, desde *reggae roots* e *dub*, até *pop*, *rock'n'roll* dos anos 1990, *rap* e *heavy metal*. Nas palavras dos integrantes da banda, todas essas influências musicais são entrelaçadas com "um grande toque do nosso irreverente tempero brasileiro". A ideia principal da Dubbem é transmitir uma imagem da banda como sinônimo de energia positiva, consciência social, harmonia e poesia, passando mensagens de paz, amor e amizade para todos (conversa informal, nov. 2014).

Um estilo diferenciado, o *ska*[9], é apresentado em um projeto desenvolvido por músicos de diversas bandas que se juntaram com um objetivo em comum - o Parahyba Ska Jazz Foundation. A banda toca sucessos da época de *ska* jamaicano, com algumas versões singulares – por exemplo, o cover da famosa composição do jazzista Dave Brubeck *Take Five*, porém tocada em compasso 4/4 (ao invés de original 5/4).

A banda pessoense Candeeiro Natural é um destaque no cenário regueiro da região pesquisada. O líder da banda, Gabriel Caminha, é um músico experiente que em setembro de 2008 formou o grupo na busca de firmar uma identidade musical. A proposta da banda é trazer um pensamento positivo e uma reflexão da nossa sociedade através de *reggae*, fortemente influenciado pela tradição musical regional nordestina, além de pop e MPB. Uma forte influência de xote pode ser identificada no som da banda Candeeiro Natural, usando a sanfona no seu *reggae* como maior destaque. No repertório podem-se encontrar, além das composições próprias e sucessos internacionais do *reggae*, as versões das músicas tradicionais nordestinas atualizadas, tocadas na estrutura rítmica/tímbrica de *reggae*[10]. As influências do grupo vão de Bob Marley e Luiz Gonzaga, até Milton Nascimento, Djavan e Gilberto Gil.

A banda Pedecoco hoje em dia é considerada uma das mais populares e melhores bandas de *reggae* no estado da Paraíba. O nome da banda Pedecoco é uma expressão popularmente utilizada para representar o coqueiro. O cantor David Moreira Soares acredita que vem de uma "regionalidade", que representa a beira da praia e é uma referência à cidade de João Pessoa, rodeada de coqueiros que "representam de forma tão sólida nosso clima tropical, nossas praias e nosso *reggae*" (SOARES, 2014). Desde o início, a proposta da banda Pedecoco foi de fazer um som diferenciado, um som original que eles chamaram de "*reggae* natural". A banda afirma que o seu *reggae* é influenciado por diferentes estilos musicais brasileiros, desde o baião, coco, maracatu e MPB, até o *blues*, *jazz*

[9] *Ska* é um gênero musical que se tornou a música dominante da Jamaica no início dos anos 1960. A maior característica da "levada rítmica" do *ska* foi a ênfase do *offbeat* (contratempo) sobre uma linha de contrabaixo chamada *walking bass* (padrão usado no *jazz*). O contratempo (*offbeat*) marcou a música jamaicana para sempre e também é a maior característica do *reggae*.

[10] As caraterísticas mais comuns do *reggae* são o uso de *offbeat* (acentuação dos tempos fracos na música - os tempos dois e quatro, em vez de um e três, ou simplesmente contratempo); *onedrop* (um padrão rítmico que não enfatiza, e, às vezes, elimina completamente, o primeiro tempo de cada compasso); *riddim* (um padrão rítmico caraterístico de reggae, composto da linha de contrabaixo acompanhada por bateria); *bubble shuffle* (um estilo de tocar teclado no reggae. Um padrão rítmico mais *shuffle,* colcheias em *swing*, como se toca no *jazz*, usado para tocar acordes numa maneira cortada e abafada. Normalmente o teclado utiliza o som de estilo órgão Hammond); o contraste sonoro entre a guitarra base e o contrabaixo e a utilização dos efeitos sonoros artificiais (como *echo*, *reverb* e *delay*).

e *rock'n'roll*. Segundo eles "a música regional já veio na carga genética e a gente a joga nas nossas músicas inconscientemente. O resultado é uma mistura que acrescenta um som ímpar ao estilo cada vez mais característico do grupo" (SOARES, 2014).

A banda Geração Rasta foi formada no bairro Padre Zé em João Pessoa, que é um dos bairros da periferia da capital paraibana, com uma reputação associada à violência. Os integrantes da banda afirmam que o seu *reggae* é *reggae roots* com letras autorais de conteúdo local e influências da cultura nordestina. A sua música, posicionada num contexto similar ao dos guetos jamaicanos da época do surgimento do *reggae*, reflete uma realidade social bastante complexa.

Na região de município de Cabedelo surgiu apenas a banda DigZin, cujas influências musicais vão desde "clássicos" do *reggae* internacional e brasileiro (como Bob Marley, Peter Tosh, Burning Spear, Edson Gomes, entre outros) até tradições musicais nordestinas (como Luiz Gonzaga), MPB (como Renato Russo e Caetano Veloso) e blues. A proposta da banda é misturar o *reggae* com as influências regionais, que eles consideram como suas "raízes verdadeiras". O percussionista e vocalista Noé Pires acredita que "o *reggae* não é uma coisa só, por isso queremos misturar o nosso *reggae* com ritmos regionais do Nordeste, como maracatu, ciranda e coco" (PIRES, 2014).

Em Campina Grande, a banda Kayapira foi formada por jovens da periferia, conhecida localmente como Pelourinho, no bairro do Rosa Cruz. Como explicou o cantor Bruno, o nome da banda vem de um jogo de palavras, juntando as palavras *kaya* e *caipira. Kaya,* além de ser o nome de um dos álbuns mais conhecidos de Bob Marley, também é uma palavra jamaicana para maconha. *Caipira* é um termo brasileiro de origem tupi que costuma ser utilizado para se referir à população do interior e também designa os moradores da roça, da zona rural. No palco, o cantor Bruno surpreende pelo seu figurino, apresentando uma blusa quadriculada e um chapéu de palha, característicos de pessoas que vivem em sítios e fazendas e também figurino característico de festas juninas. A proposta da Kayapira é tocar o "verdadeiro *reggae* de raiz", com uma identidade local própria, incluindo nas suas letras o seu dialeto e vivências do dia a dia.

Outra banda da região da Campina Grande é a banda Silêncio, que busca a originalidade com seu "*reggae* alternativo" influenciado pelo maracatu, *rock*, *hard core*, *rap*, *ragga* e *ska*. A proposta das letras é disseminar as mensagens de paz, amor, igualdade, meditação e liberdade, conscientizando os ouvintes, seja em relação à natureza, à espiritualidade ou aos aspectos sociais.

O cenário do *reggae* paraibano é diferenciado, no sentido de existir bandas de *reggae* com várias influências musicais nas suas composições. Os artistas do *reggae*

paraibano mostram um grande respeito à cultura musical regional (forró, xote, baião, coco, maracatu, entre outros) e a citam como uma fonte significativa de inspiração para sua música.

Desafios enfrentados

Segundo alguns sujeitos da pesquisa, no início de anos 2000 havia mais lugares onde o *reggae* era tocado e as bandas tocavam "com mais vontade e entusiasmo" (ALBUQUERQUE, 2014). Naquela época, as bandas ainda tocavam *reggae* mais pelo prazer, mesmo sabendo que financeiramente não daria tanto lucro como tocar outros gêneros musicais, como forró, *rock*, MPB ou pagode. Depois dessa época, as coisas ficaram mais lentas devido aos entraves, falta de recursos e patrocínio. Enfrentando essas dificuldades, várias bandas pararam de tocar, desistiram permanentemente ou deram uma pausa. Ao mesmo tempo, muitas permaneceram apesar das dificuldades que enfrentaram ao longo do caminho. Tanto as bandas, como os organizadores dos eventos e locutores encontram vários desafios em relação à realização de shows de *reggae*. Cinco aspectos desafiadores que os artistas e o público regueiro enfrentam na Paraíba, foram identificados ao longo da pesquisa: (1) aspecto sociocultural (em relação ao gosto musical predominante do público da região, que valoriza o forró, e com os preconceitos ainda presentes em relação ao *reggae*); (2) aspecto infra-estrutural (em relação à falta de lugares para se tocar *reggae*); (3) aspecto financeiro (em relação ao baixo valor dos cachês recebidos pelas bandas); (4) aspecto publicitário (poucas emissoras que tocam *reggae*); e (5) aspecto organizacional (falta de um movimento organizado em prol do *reggae*).

A razão principal destacada pelos músicos e simpatizantes do *reggae* na região, que ainda não permite que o *reggae* se torne um estilo musical mais popular na Paraíba, é a sua posição sociocultural. Vários sujeitos da pesquisa acreditam que o *reggae* encontra-se em uma posição inferior em comparação aos outros gêneros musicais, principalmente ao forró, que é o gênero predominante da região pesquisada. Segundo eles, a "cultura musical característica" da região dificulta a divulgação das bandas locais, prejudicando a cultura *reggae* em geral. Febuk acredita que o forró é uma cultura abraçada pelo governo de estado da Paraíba e pelas suas prefeituras e por isso, permanece a referência cultural no estado como um todo. Um exemplo que ele apresentou são os festivais de forró que se tornaram uma atração turística da Paraíba. No entanto, não existe este espaço para festivais de *reggae*. Ele afirma: "Devido à massificação do forró em nosso estado, o *reggae* é tido como uma música estranha, estrangeira, música de marginal para a maioria das pessoas" (ALBUQUERQUE, 2014). Este preconceito acompanha o *reggae* desde seu surgimento.

No Brasil, o *reggae* sofreu um certo preconceito e foi negligenciado pela mídia, que o considerou como música dos marginais e "mais uma música de favelados" (CARDOSO, 1997: 12). Pelas conversas informais, não só com simpatizantes do *reggae,* mas também com o público em geral, pode ser concluído que o *reggae* ainda é visto como uma música do gueto, voltada para o pobre, marginalizado. Os músicos e os simpatizantes do *reggae* são considerados "desocupados", "maconheiros", até "viciados". A situação na região pesquisada não é uma exceção, pelo contrário, os sujeitos da pesquisa afirmam que o preconceito hoje em dia na Paraíba permanece principalmente como conseqüência das posições culturais da sociedade. Um exemplo dessa visão é um comentário do radialista Anacleto Reinaldo, apresentador Paraibano do programa Chumbo Grosso da Rádio Sucesso FM 92,9 MHZ, publicado no YouTube em 2012. Um ouvinte ligou para o programa pedindo para o radialista tocar uma música de Bob Marley. A resposta do Anacleto Reinaldo foi:

> Toca mmm… Aqui não toca música de maconheiro não, maconheiro aqui é peia[11]. Uma Bob Marley é meu cacho de pomba[12] para a sua mulher, no triângulo[13] dela, viu seu corno besta… Aqui não tem fumaça não, aqui não tem viadagem, não tem fumaça, negócio aqui é música bonita popular brasileira, música feita por quem sabe ler não por um analfabeto safado da qualidade que tem hoje aqui, viu? E triângulo …mulher bunduda do triângulo bonito. Aqui a gente gosta é disso, viu? Tá bom? E você toma um tabaco pra lá… e tá na hora de tomar o seu café… tá na hora de você comer merda… Café de pobre safado da sua qualidade favelado de periferia é merda, viu? Viado safado… (REINALDO, 2012).

Nas palavras do radialista podem-se identificar diversas generalizações e preconceitos. Em relação aos amantes do *reggae*, podem ser observados preconceitos de cunho social ("analfabeto safado", "pobre safado", "favelado de periferia"). Além disso, podem-se identificar ideias de sexismo e machismo (se refere às mulheres como objetos, utiliza termos pejorativos para se referir à questão sexual) e ideias homofóbicas ("viado safado"). Percebe-se, ainda, que o radialista associa diretamente o ouvinte de *reggae* aos usuários de drogas e incita a violência ("Aqui não toca música de maconheiro não, maconheiro aqui é peia"). Não se pode generalizar a partir de um exemplo como esse, que

[11] Peia é uma expressão regional transmitindo a ideia de apanhar.
[12] Cacho de pomba faz referência ao pênis.
[13] Triângulo faz referência à vagina.

é extremado, porém, pode-se concluir que o preconceito sobre os fãs do *reggae* ainda está presente na cultura popular paraibana.

O "Mago do *reggae*" Dado Belo admite que hoje a situação melhorou muito, mas reconhece que o preconceito ainda existe, pelo menos em relação a dois fatores: à marginalidade e às drogas, ambos ainda comumente associados ao *reggae* (BELO, 2014). Similarmente, Febuk acredita que o *reggae* paraibano ainda sofre um "preconceito do sistema" e que o *reggae* "já vem malhado com aquela roupagem suja" (ALBUQUERQUE, 2014). Ele lamenta que para o *reggae* as portas ainda estejam fechadas também no âmbito da administração pública. Segundo ele, existem padrões duplos em relação às escolhas das bandas para os eventos públicos, direcionados pela prefeitura, pois existem bandas de outros gêneros musicais que tocam com muita frequência, até repetindo suas apresentações em anos seguidos. Além disso, ele reclama dos custos burocráticos, mais precisamente dos custos para obtenção da documentação de permissão para show, inclusive em pequenos estabelecimentos, cujos proprietários não têm garantido seu retorno financeiro. Esta situação já implica na outra dificuldade que os músicos de *reggae* enfrentam na região pesquisada.

As condições de infraestrutura são outro fator bastante importante que afeta a popularização e aceitação do *reggae* na região pesquisada. A maior lacuna para o desenvolvimento do cenário é a falta dos lugares e casas de shows receptivas e promotoras do *reggae*. Não existem espaços particulares para o *reggae* e há poucos espaços cujos empresários sejam simpatizantes do *reggae* para que as bandas possam tocar e apresentar seu trabalho. Embora existam lugares suscetíveis de serem adaptados para os eventos de *reggae*, não há casas de show de *reggae* especificamente, há poucas boates (ou casas noturnas) onde se pode ouvir *reggae* ocasionalmente (como, por exemplo, What's Up). Na capital João Pessoa, a região mais frequentada por regueiros é o Centro Histórico. Lá existem lugares como Casarão 39, Vila do Porto e Cachaçaria Filipeia, que realizam shows de *reggae*, assim como também de diversos outros gêneros musicais. Alguns eventos são organizados esporadicamente, não ocorrendo em bares ou casas de show, mas utilizando-se espaços comuns, como nas praças de comunidades. Para eventos com bandas nacionais e internacionais mais famosas (como por exemplo Natiruts, Edson Gomes e SOJA) os shows ocorreram nas casas de shows Domus Hall e JampaVille, que não são espaços onde o *reggae* é normalmente tocado, mas têm capacidade para receber um público maior. Similarmente, o município de Campina Grande tem poucos lugares onde os shows de *reggae* são realizados. O mais famoso de todos é um lugar chamado Extensão Vitrola Bar, que é um espaço de caráter mais "alternativo", onde os jovens se reúnem para escutar, curtir e dançar diferentes estilos musicais (*reggae*, *rap*, *hip-hop*, *rock*, *heavy metal*, *hard core*,

entre outros). No fim dos anos 2000, a situação pareceu melhor. Em João Pessoa, houve bares como Marley´s bar no bairro de Cabo Branco, bar A Base e bar Dona Tereza, ambos no bairro do Bessa. Nos dias atuais, esses bares ou não existem mais ou começaram a tocar outros gêneros musicais, deixando o *reggae* negligenciado.

Além de ter poucos lugares para se apresentar, as bandas de *reggae* na Paraíba, em geral, têm dificuldades de receber um bom valor de cachê, e se acontece, há casos em que os contratantes não querem pagar o valor combinado. Segundo alguns músicos, é difícil "receber um retorno financeiro digno" com o *reggae*. Como Allyson, o guitarista das bandas Emboscada e Dona Terezza, disse em uma conversa informal: "se você quer ganhar a vida só tocando *reggae* aqui, vai morrer de fome. Eu sou do *reggae*, mas para fazer um lucro eu também toco em vários outros projetos de estilos mais populares, como MPB e rock e até forró universitário se precisar" (conversa informal, nov. 2013). Similarmente, Dado Belo comenta que seria muito mais lucrativo organizar um show de forró, no entanto, para ele o *reggae* é o estilo de vida que não tem nada a ver com o lucro do capital (BELO, 2014). Os músicos acreditam que essa situação dificulta o desenvolvimento do cenário em grande escala. As bandas têm pouco retorno financeiro, pois não conseguem investir mais em seu trabalho, como comprar melhores instrumentos, pagar os ensaios nos melhores estúdios musicais ou investir nas gravações com produção de qualidade melhor. As bandas das classes sociais mais pobres não conseguem comprar seus próprios instrumentos, como é o caso da banda Geração Rasta, cujo baterista, por exemplo, não possui sua bateria própria.

Em relação ao aspecto publicitário, os sujeitos da pesquisa destacaram o poder que a mídia tem na formação do gosto musical e aceitação dos artistas e suas músicas na região pesquisada. Na história do *reggae*, tanto na Jamaica como no Brasil, as mídias, principalmente o rádio, desempenham um papel significativo no reconhecimento da cultura *reggae*. Segundo os sujeitos da pesquisa, o público é influenciado pela música que toca no rádio, que é forró, rock, MPB e também fica muito voltada para os sons internacionais, como pop norte-americano. Na região pesquisada, o *reggae* não é tocado nas emissoras populares da mídia, como Radio Cabo Branco, Sucesso FM, Mix FM, Clube FM e Radio Tambaú, com exceção das músicas mais populares de *reggae* nacional, de bandas como Natiruts, Cidade Negra ou O Rappa. O *reggae* das bandas locais e bandas "clássicas" do *reggae* jamaicano e internacional na verdade só é tocado em um programa da Radio Tabajara, que é Transa Reggae, de Dado Belo.

Os artistas acreditam que o *reggae* está negligenciado no mercado musical e nas mídias, por isso eles estão procurando outras janelas para promover o seu trabalho, mais especificamente a Internet, principalmente através das redes sociais. Incomodados com esta

situação, dois jovens entusiastas, Zazuka, de 26 anos e Tiago Rocha, de 29, tomaram a iniciativa para formação do Movimento do Reggae João Pessoa em 2011. Por enquanto, a atividade deles é a venda dos ingressos e a divulgação dos eventos do *reggae*, principalmente através da rede social *Facebook* e do aplicativo de celular *WhatsApp*. Além disso, eles lançaram o site reggaejoaopessoa.com.br, usado principalmente para o registro dos shows, incluindo agendas, fotos e vídeos gravados nos shows. Em um futuro próximo, eles querem registrar todos os eventos e as informações sobre todas as bandas da região. A ideia principal do Movimento do Reggae João Pessoa é ajudar o cenário do *reggae* crescer, e "vê-lo daqui dez anos totalmente diferente". Para alcançar esse objetivo, eles acreditam que também precisam despertar a atenção de mais pessoas com o *reggae*, levá-lo às pessoas que nunca viram um show de *reggae*, nas palavras de Zazuka, "mostrar que o *reggae* não é uma doidera" (ZAZUKA, 2014).

Atualmente, a cultura *reggae* ainda está em processo de reconhecimento no contexto da cultura regional, enfrentando vários desafios. De modo geral, o que falta é um ambiente mais organizado, que poderia fornecer ao *reggae* local/regional mais estrutura e a possibilidade de estar ainda mais presente e mais valorizado no cenário musical regional. Todavia, há um cenário de *reggae* ativo, com a existência de várias bandas influenciadas por diferentes vertentes musicais, que expressam momentos sócio-históricos locais e mundiais.

Comentários finais

No processo inicial de procura dos contatos e dos sujeitos que fazem parte da presente pesquisa, várias pessoas ficaram surpresas com o tema de interesse. Muitos se perguntaram se existe mesmo *reggae* na região e comentaram que este gênero musical não estaria muito presente na "terra do forró". Ao longo da pesquisa esse estereótipo ficou cada vez mais evidente, ficando mais claro que a pesquisa trata de um gênero atípico da região, onde o gênero musical mais popular é o forró. No entanto, diferente das informações iniciais, hoje, após a realização da pesquisa, podemos dizer que *existe sim* uma cena "regueira" na "terra do forró" e isso também é demonstrado no presente artigo.

Comparando com os estados vizinhos, o *reggae* chegou um pouco "atrasado" na Paraíba e o cenário, segundo os entrevistados, não se desenvolveu de maneira similar. Por causa dos diferentes desafios identificados ao longo da pesquisa, o cenário não conseguiu alcançar o mesmo nível de popularidade e aceitação como nos estados vizinhos. Apesar disso, o *reggae* paraibano possui qualidades para afetar as várias esferas da vida social, similarmente como pode ser constatado na sua história ao redor do mundo. Na Paraíba, o *reggae* não possui um papel tão significativo na reformulação das práticas musicais regionais,

como observado no Maranhão e na Bahia. Por um lado, os gêneros musicais dominantes e sua infraestrutura de disseminação impedem o *reggae* de tornar-se um gênero mais presente nos meios de comunicação e, portanto, mais atraente e acessível à (nova) audiência. Por outro lado, são as práticas musicais predominantes, como o forró, que têm impacto sobre o caráter do *reggae* paraibano e o reformularam.

Durante a pesquisa e convivência com os regueiros paraibanos algumas ideias gerais foram formuladas. O *reggae* na Paraíba, como um gênero musical, está no caminho de reconhecimento em contextos culturais e sociais, para se tornar uma prática musical localmente reconciliada e aceita. Os músicos estão procurando as referências e ligações estéticas (e de conteúdo) com gêneros musicais regionais, como forró, xote ou coco. Por outro lado, paradoxalmente, esta forte relação com as práticas musicais e culturais regionais em busca do desenvolvimento e fortalecimento de uma identidade regional nordestina parece ser uma das razões que contribui para a obstrução do *reggae* em desempenhar um papel mais significativo e se tornar um gênero musical mais aceito e trabalhado no cenário da música popular paraibana. O papel dominante do forró parece ser o fator de maior peso que restringe a afirmação do *reggae* na cena musical local. No entanto, este orgulho regional não impediu o *reggae* de conquistar um lugar de destaque no cenário da música popular em outros estados do Nordeste brasileiro, onde a identidade regional nordestina se misturou com a "atitude regueira" para fortalecer as ideias "globalizadas" do *reggae*. Comparando com os temas recorrentes das letras do *reggae* "globalizado" de outras regiões do mundo (como por exemplo, discriminação e violência, liberdade e amor, exclusão e união), um destaque bastante interessante pode ser observado na atitude das bandas do *reggae* paraibano. Além destes temas comuns, há uma valorização da cultura e da identidade regional, principalmente em relação ao estado da Paraíba e a região Nordeste do Brasil, mas também à cultura brasileira em geral.

Referências

ALBUQUERQUE, Carlos. *O eterno verão do reggae.* São Paulo: Editora 34, 1997.

ALBUQUERQUE, Fernando Antonio Fernandes de (Febuk). *Depoimento*. Entrevista concedida a Iztok Mervič. Mangabeira, João Pessoa, Paraíba, 11 jun. 2014.

BÉHAGUE, Gerard. Rap, Reggae, Rock, or Samba: The Local and the Global in Brazilian Popular Music (1985-95). *Latin American Music Review*, University of Texas Press, Austin, v. 12, n. 1, p. 79-90, 2006.

BELO, Dado. *Depoimento*. Entrevista concedida a Iztok Mervič. Castelo Branco, João Pessoa, Paraíba, 17 set. 2014.

CARDOSO, Marco Antonio. *A magia do reggae*. São Paulo: Editora Martin Claret ltda, 1997.

FERNANDES, Adriana. As transformações do reggae jamaicano no Brasil: o caso do xote nordestino. *Revista Brasileira do Caribe*, v. 7, n. 1, p. 471-482, 2007.

FREIRE, Karla Cristina Ferro. *Que reggae é esse que jamaicanizou a "Atenas brasileira"?* 2010. 217 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2010.

MANUEL, Peter. *Caribbean Currents: Caribbean Music from Rumba to Reggae.* Philadelphia: Temple University Press, 1995.

MYERS, Helen. *Ethnomusicology*: An Introduction. London: Macmillan, 1992.

PIRES, Noé. *Depoimento*. Entrevista concedida pelos membros da banda Digzin a Iztok Mervič. Fortaleza de Santa Catarina, Cabedelo, Paraíba, 2 ago. 2014.

REINALDO, Anacleto. Eu quero uma música de Bob Marley. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wuy4Vc9Bj8U>. Acesso em: 12 nov. 2013. Transcrição feita por Iztok Mervič em nov. 2013.

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. *Da terra das primaveras a ilha do amor*: reggae, lazer e identidade em São Luis do Maranhão. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1992.

SOARES, David Moreira. *Depoimento*. Entrevista concedida pelos membros da banda Pedecoco a Iztok Mervič. Bancários, João Pessoa, Paraíba, 10 jul. 2014.

ZAZUKA. *Depoimento*. Entrevista dos membros do Movimento Reggae João Pessoa concedida a Iztok Mervič. Cabo Branco, João Pessoa, Paraíba, 1 jun. 2014.

Iztok Mervič é Mestre em Etnomusicologia pela Universidade Federal da Paraíba (2015). Possui graduação em Sociologia (Fakulteta za druzbene vede Ljubljana, 2003). Tem experiência na área de Música, com formação de contrabaixista. Desenvolve linha de pesquisa em etnomusicologia, tendo investigando os conceitos de metáfora e identidade no *reggae*. iztok.mervic@gmail.com

Adriana Fernandes possui doutorado em Música (Ethnomusicology) - PhD pela University of Illinois at Urbana-Champaign (2005), mestrado em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (1995) e graduação no curso de Licenciatura em Educação Artística Habilitação em Música - Piano pela Universidade Federal de Uberlândia (1989). Foi professora efetiva da Universidade Federal de Goiás (UFG) de 1995 a 2008. Desde agosto de 2008 é professora no departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) responsável pelas disciplinas de Voz para o Ator. Atua no programa de Pós-Graduação em Música da UFPB na área de Etnomusicologia (como permanente) e no Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais da UFG como colaboradora. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Etnomusicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: relação música e teatro, música popular; música e corpo. fernandesufpb@gmail.com